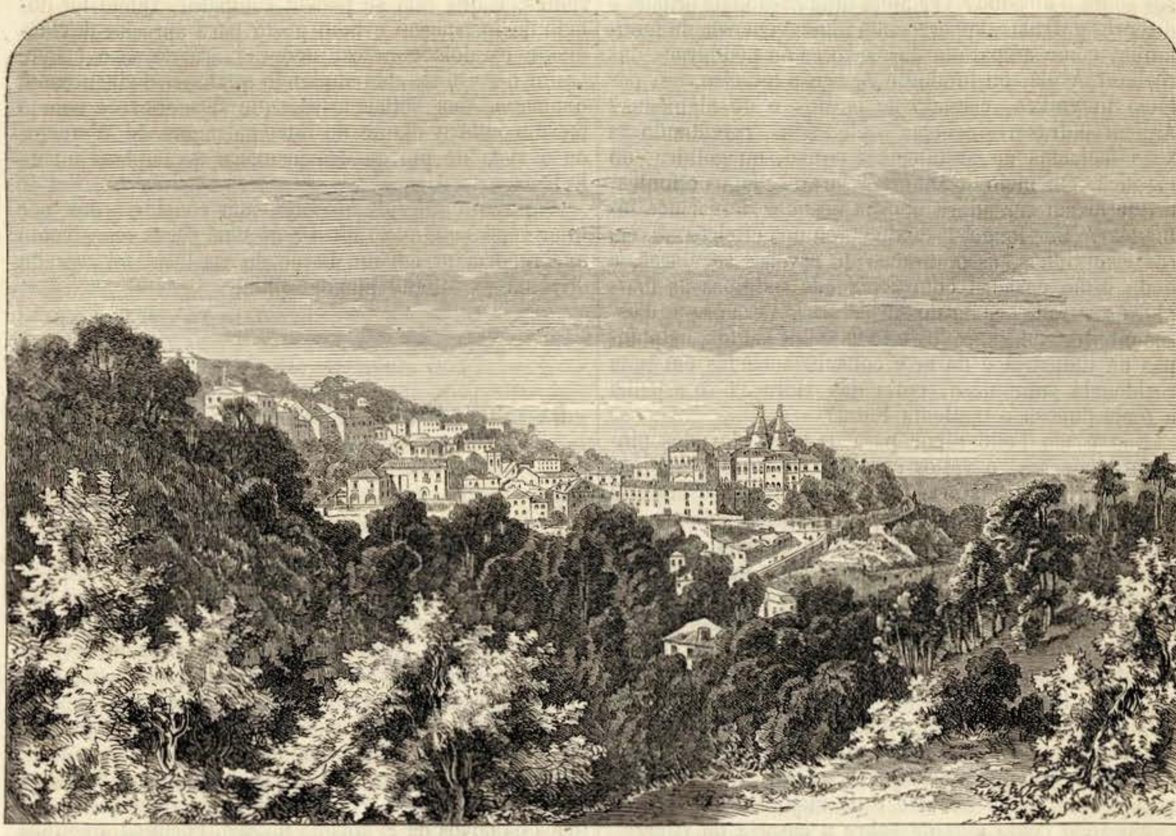


Vista pittoresca da villa de Cintra e dos paços reaes

Não ha terra em Portugal que tenha sido assumpto de tantas e tão bellas poesias como essa amena e deliciosa estancia chamada Cintra. Basta-lhe, porém, para gloria sua ter inspirado a Bernardim Ribeiro, a lord Byron e a Garrett esses versos repassados de harmonia e sentimento, em que estes grandes poetas descrevem com tanta energia e com tão vivo e brilhante colorido o enlêvo dos olhos e os extasis d'alma ante aquellas magnificas scenas da natureza, e a saudade que ellas infundem ou deixam no coração!

E como não ha de ser assim, quando tudo alli parece respirar vida, alegria, doçura, voluptuosidade e amor! Quem deixará de possuir-se de idéas poeticas passeiando á sombra de arvores gigantescas, e sobre tapetes de relva de variados matizes, ao som das fontes que se deslisam das rochas, gotejando aljofares por cima da avenca e dos fetos; ou ao murmurio dos regatos que vão docemente beijando as flores e brincando com os seixinhos; ou, em fim, ao sussurro das levadas que se despenham das fragas, ora quebrando-se raivosas contra os penedos que coroam de alvas espumas, ora precipitando-se com furia em profundos algares? Quem não sentirá feridas as cordas da alma por alguma inspiração de poesia, ao contemplar do alto d'aquelles pinaculos elevadissimos o vulto grandioso da serra; os bosques espessos que lhe cobrem o dorso; os monumentos de antigas eras, guerreiros ou religiosos, que estão assentados nos cumes mais inhospitos da montanha, como logar azado a guerras defensivas e a penitencias e orações; tantas aldeias recostadas graciosamente nas faldas da serrania e meio envoltas no manto de verdura perenne, que se desprende dos pés da mais alta penedia até descer ao fundo dos valles? Quem não sentirá illuminar-lhe o espirito e tocar-lhe o coração um pensamento do Creador, uma centelha de poesia divina, ao relancear os olhos por aquelle extenso panorama de montes e campinas, semeados de casaes e aldeias, e onde se erguem lá ao longe, a uma parte o marmoreo colosso de D. João v, e a outra a cidade que foi berço de Camões; ao estender, finalmente, a vista pela immensidade do Oceano e por esse magestoso rio, quasi golpho, denominado Tejo?

Cintra, com os seus serros alcantilados e grutas musgosas, com os seus mananciaes cristallinos, frescos valles, mimosos prados, variada e pomposa vegetação é um verdadeiro poema da natureza, gentil e profusamente ornado pela arte. E não se diga que esta se amesquinha por assim estar a par das grandezas e louçanias d'aquella.

Quando a natureza se mostra potente, luxuriante e graciosa, como em Cintra, e em toda a provincia do Minho, é sem dúvida admiravel na composição dos seus quadros. É sobremaneira encantadora nas galas com que livremente os reveste, e na combinação dos contrastes, que muitas vezes os não imaginaria mais apropriados para o effeito da vista a phantasia mais creadora e de mais aprimorado gosto do poeta ou do pintor. Enleva, arrebata, extasia, certamente, ver reunidas em um logar, ao simples aceno da Providencia, tantas graças naturaes, tal formosura e amenidade de envolta com tamanha singeleza.

Porém, quando a arte vem auxiliar com acerto, como em Cintra, os esforços da natureza, os quadros que esta creou formosos realçam então de belleza e de encantos pelo condão do genio artistico.

Pois não é tão bello descobrir aqui, quasi occulta sob a densa copa dos arvoredos, uma habitação, de

architectura modesta, mas esbelta de fórma? Outra alli, de estilo differente, sentada á beira de uma quebrada da serra, com seus jardins como que suspensos sobre o abysmo? Ver além uma casa mais ornada e de côres garridas, apparecendo a meia encosta da montanha, como amparada das arvores ou pendurada das rochas? Acolá, no fundo de espaçoso terreiro, um palacio magnifico, cercado de jardins e de alamedas? Áquem outras residencias esplendidas, ostentando as suas fachadas de architectura arabe, ou gothica, ou classica, em meio de soberbos jardins, lagos e fontes, a que fazem cercadura densos bosques de variada folhagem? Mais longe, fazendo coroa aos oiteiros, diversas ermidinhas, assombradas de arvores seculares, e onde estão casadas com a piedade religiosa as mais gloriosas tradições da nossa historia? Ver aos pés d'esses oiteiros, consagrados a Deus e aos santos, as pompas da industria e da arte consubstanciadas em uma residencia sumptuosa, em cujas vidraças se espelha a mais donosa e opulenta Flora?

Não é tão bello olhar para os mais elevados pincaros da serra, e vêl-os servindo de base a uns paços soberbos, grandiosos, com suas torres e cúpulas ornamentadas com toda a phantasiosa opulencia do estilo arabe e gothico; verdadeiro palacio de fadas, bafejado constantemente pelos aromas das mais exquisitas flores, trazidas de longinquas terras? Não é grato e aprazivel ver ahi metamorphoseadas as penhas em vistosas cascatas ou em canteiros de plantas odoriferas e de folhagem luzente ou aveludada? Ver os valles transformados em lagos, onde se estão mirando viveiros de aves exoticas, mergulhando plantas e arvores de mui diversas regiões? Depois, baixando os olhos, contemplar o aspecto senhoril dos paços de nossos reis, ricos de arte e de memorias historicas, campeando como gigante sobre a casaria da villa?

Não parece transportar-nos ao Novo Mundo, ao meio d'essas paizagens maravilhosas e ridentes da America do Sul e do Norte, ver ao lado de um *carvalho* colossal a *bananeira* a estender as suas longas e assetinadas folhas; a *palmeira* a levantar-se garbosa de entre os *castanhaes* annosos, baloiçando nos ares a sua esbelta copa de brincados recortes; as *araucarias* a sairem do meio dos grupos das *camelias*, erguendo-se em taboleiros, como para recolher n'elles os orvalhos da aurora; os *bambús* a assombrar com a sua basta e viçosa ramagem as margens dos lagos; o *papyro* a surgir do seio das aguas, cercado pelos *nenuphares* indigenas; os *convolvolus* e *epomeas* do Brasil a treparem pelos ulmos e pelas faias, pendendo depois em floridas grinaldas; os *maracujás* e outras passifloras e mais trepadeiras exoticas, debruçando-se de cima dos penhascos, cuja base se occulta sob as grandes folhas lustrosas dos *inhames* e dos *jaros* vulgares; as *bugainvillias* a fazer lindos toldos, entrelaçando os festões de suas flores rosadas ou purpurinas com os frageis ramos e alvas flores dos nossos *jasmineiros;* em fim, os *abetos*, os *pinheiros* e outras arvores do norte da Europa a contrastar pela diversidade da fórma e da côr com os *pinheiros* do paiz, e querendo competir com elles na força e na altura?

A natureza, sem peias, sem o auxilio do homem, cria admiraveis quadros; quem tal contestará? Não é preciso transpor as fronteiras do nosso paiz para ter provas cabaes d'esta verdade. As nossas provincias do norte são um paraiso de amenidade e bellezas naturaes, e nos logares em que menos se reconhece a mão do homem, parece que é ahi onde a Providencia se mostrou mais energica e potente, mais generosa e dispensadora dos seus dons, mais activa e intelligente obreira. Porém é innegavel que a arte, se é frouxa para imitar a natureza, é poderosa para a ajudar nas obras da creação, e para dar realce a estas com as suas proprias producções e com o effeito dos contrastes.

Assim, pois, é forçoso reconhecer que as paizagens de Cintra e do Minho, ou de paizes similhantes, constituem dois generos de quadros inteiramente differentes, e que mal se podem comparar. Quem for dotado de instrucção e bom gosto para apreciar devidamente os dois generos, não deixará de se extasiar, assim o cremos, contemplando qualquer d'elles, como o amador das bellas artes, que se embevece com o mesmo enlêvo diante de uma paizagem de Watteau, ou á vista de um quadro historico de Raphael ou de Rubens.

A gravura que nos suscitou estas considerações, por estar representando Cintra e os seus paços reaes como que repoisados em um berço de verdura, foi copiada de uma excellente photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA INICIATIVA LITTERARIA DOS PORTUGUEZES NA PENINSULA HISPANICA

I

A LITTERATURA PORTUGUEZA NAS SUAS RELAÇÕES COM A HESPANHOLA

No grande movimento historico da Europa, no trabalho emprehendido por todos os sabios para descobrirem como a civilisação caminhou nos differentes paizes, tem sido Portugal quasi completamente desprezado. Quando os estudiosos allemães e inglezes affincadamente revolvem os annaes politicos e litterarios da nossa visinha Hespanha, porque n'elles encontram effectivamente o vestigio dos passos mais audazes do espirito civilisador, Portugal, que se avantajou entre todos os povos da Peninsula Iberica, Portugal, que lhes deu muitas vezes o exemplo e o incitamento, apenas mereceu a algum sabio como Schœffer ou Bellermann a attenção que a nossa historia interessantissima, a nossa litteratura completamente original e cheia de seiva propria, devia obter d'esses intelligentes exploradores das minas do passado.

Qual é o motivo d'este injusto desprezo? Parece-nos que um bem claro e bem patente. A pouca importancia que nós mesmos damos á gloria dos nossos maiores, o nenhum cuidado que temos tido em começar a exploração, em abrir e facilitar o caminho aos alheios escriptores, que difficilmente podem sem guia entrar na escuridão das chronicas, no labyrintho dos cancioneiros. Não nos faltam historiadores dos nossos feitos, não nos faltam compilações volumosas e indigestas dos nossos poetas; mas á moderna geração pouco importa saber quantas valentes cutiladas descarregaram em cabeças moiras e castelhanas esses feros paladinos, e como os poetas classicos imitaram os vates romanos, ou obedeceram ás regras de Aristoteles; o que desejâmos saber é como esses paladinos concorreram para o caminhar da civilisação, quanto esses poetas contribuiram para o desenvolvimento do espirito humano.

É n'esse sentido que se deve escrever actualmente a historia politica e litteraria.

Um dos talentos mais notaveis de que Portugal se ufana, o sr. Alexandre Herculano, nome que estrangeiros e nacionaes veneram, e que o futuro ha de considerar como um dos raros, que se inscrevem em letras de oiro no livro das glorias da humanidade, tentou prestar á sua patria o serviço immenso de lhe escrever a historia politica. Os quatro volumes publicados d'esse monumento podem sem desdoiro collocar-se a par das grandes obras da moderna eschola. Infelizmente, um bando ignobil de zoilos sandeus, protegido por uma facção que, depois de assassinar o paiz, vigia cuidadosamente o cadaver para impedir

qualquer tentativa de resurreição, obrigou o grande escriptor a depor a penna, com grave prejuizo da gloria nacional, e de todos os homens estudiosos que se interessam por estas nobres occupações da intelligencia humana.

Mas de tentativa simílhante não existe nem sequer o esboço com relação á nossa historia litteraria. As obras portuguezas que tratam d'esses assumptos, em vez de nos serem subsidio, são-nos prejudiciaes, porque, apresentando-nos as coisas debaixo de um ponto de vista falso, não fazem senão augmentar as trevas em que jaz envolto o passado da nossa litteratura, complicar o labyrintho onde debalde procurâmos um fio de Ariadne que nos guie. Veiu o honrado José Maria da Costa e Silva escrever uma obra que intitulou *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*. Honra lhe seja ainda assim, porque nos apontou ao menos os nomes dos escriptores nossos compatriotas, e, transcrevendo longos trechos das suas composições, nos habilitou a formarmos um juizo sobre elles, inteiramente independente do modo por que o bom do critico os encara. Sem pretendermos insistir na reconhecida insufficiencia d'essa obra, apenas apontaremos um erro crasso em que elle cae, e em que infelizmente o acompanham a grande maioria dos leitores instruidos. Esse erro é o que faz da poesia portugueza uma poesia toda de imitação, dando ás cinco escholas em que vae classificando os poetas as seguintes denominações: *Eschola dos trovadores*, *Eschola italiana*, *Eschola hespanhola*, *Eschola franceza*, *Eschola latina*.

Comprehende na primeira todos os poetas desde os primeiros tempos da monarchia até Gil Vicente, inclusivè. Até Gil Vicente! E não se lembra sequer o desalmado que a litteratura provençal, a litteratura dos trovadores, fecunda em quasi todos os generos de poesia, foi absolutamente esteril em representações theatraes. Comprehende a segunda os quinhentistas; a terceira os seiscentistas, e os seus imitadores do tempo de D. João v; e a quarta e quinta deviam comprehender (Costa e Silva não chegou a este ultimo periodo) os primeiros e segundos Arcades, e talvez, quem sabe? a litteratura romantica do presente seculo.

De fórma que, para este digno homem, a litteratura portugueza, como um espelho pendurado á janella do paiz, não faz senão reflectir as imagens das litteraturas visinhas. A iniciativa gloriosa, tomada pelos portuguezes em todos os emprehendimentos civilisadores, fallecia de todo quando se tratava de emprezas litterarias? O povo, que dava novos mundos á civilisação, não podia dar tambem novos mundos á phantasia, e a indole aventureira dos nossos antepassados transformar-se-hia na litteratura em cego amor á rotina?

Com effeito não succedia assim, e a litteratura portugueza, em que peze ao digno Costa e Silva, exerceu uma grande influencia na litteratura hespanhola, e, por intermedio d'esta, na litteratura européa.

Para bem comprehendermos isto devemos, primeiro que tudo, ter presente uma grande verdade que anda um pouco olvidada, graças a odios e susceptibilidades nacionaes. Portuguezes somos, portuguezes nos prezâmos de ser, rejeitâmos a idéa de nos tornarmos castelhanos, mas o nome de hespanhoes cabe-nos tanto como aos nossos visinhos. Isto mesmo dizia Garrett com o apurado bom senso que n'aquelle espirito privilegiado dava tanto realce ao esplendor do genio.

Filhos da mesma raça, herdeiros das mesmas tradições, os povos da Peninsula Iberica dividiram-se necessariamente logo que, depois da conquista arabe, cada terra começou a emancipar-se do jugo infiel como podia, e quando podia. Estes esforços isolados davam em resultado a independencia forçada de cada porção de territorio. As condições differentes em que esses territorios estavam collocados alteraram de um modo vário a lingua latina commum á Hespanha toda, e introduziram-lhe diversas modificações, modificações d'onde provinham diversos dialectos. Tres principaes se constituiram, um no extremo occidente, outro no extremo oriente, e o terceiro no meio da Peninsula. Foram aquelles o gallego e o catalão, este ultimo o castelhano. Do gallego fez-se depois a boa e sonora lingua portugueza; o catalão, sujeito á influencia proxima do provençal, seguiu-lhe os destinos, foi como elle desfallecendo, e curvou a final o collo á supremacia do castelhano, aformoseado por uma longa serie de homens notaveis, desde o desconhecido auctor do *Poema do Cid* até ao famigerado Juan de Mena. Estes tres dialectos irmãos, vergonteas partidas do mesmo tronco, reagiram uns sobre os outros, e adoptaram as obras primas das suas diversas litteraturas. A Catalunha, subjugada pela proximidade da suavissima influencia da Provença dos trovadores, conservava para com as suas irmãs peninsulares uma certa frieza e reserva; mas Portugal e Castella, apesar das suas repetidas dissensões, sempre reconhecia o laço fraternal. Essa fraternidade, tempestuosa sim, mas por isso não menos verdadeira, reconhece-se principalmente na poesia popular. Raro é o rimance, a chacara, a ballada de que não haja uma dupla versão castelhana e portugueza. Qual foi a primitiva? É impossivel saber-se. Mas o que é facto é que, por entre o estridor das armas e o alarido das discordias, a voz da poesia não deixava de modular os mesmos cantos aos ouvidos dos dois povos irmãos, como a voz secreta que murmura as mesmas ineffaveis melodias aos ouvidos d'aquelles que, separados pelo turbilhão da vida, foram comtudo companheiros de infancia, e guardam no fundo do coração o fogo da saudade, alimentado pelas mesmas perfumadas recordações d'essa doirada aurora da existencia.

Mas se a reciproca influencia que apontâmos é evidente na poesia popular, sem que tenhamos fio conductor pelo qual possamos remontar ás fontes primitivas, em compensação, na litteratura official, onde egualmente se manifesta, os originaes encontram-se com facilidade, e vemos que para o peculio litterario da Hespanha, nossa mãe commum, concorreu Portugal com o oiro mais puro, como quem ousava em tudo investigar caminhos desconhecidos e explorar ignotas minas. A impulsão, a iniciativa, partiu quasi sempre do occidente da Peninsula. Depois a gloria portugueza sumiu-se no occaso, o desalento apoderou-se do espirito d'este povo, succedeu o cançaço á febril energia, e muitos dos generos iniciados por nós foram aperfeiçoados e aprimorados pelos nossos visinhos. Mas, em todo o caso, o impulso primitivo de cá partiu, e a gloria do iniciador illuminou quasi sempre uma d'essas altivas frontes dos nossos antepassados, Atlantes que sustiveram um mundo maravilhoso, um mundo debaixo do qual vergaram e succumbiram os frageis hombros dos seus descendentes.

De quatro generos foram escriptores portuguezes incontestavelmente os iniciadores na Peninsula: a novella de cavallaria, a comedia, a tragedia e o romance pastoril.

O romance de cavallaria é filho da imaginação septentrional; as velhas lendas dos povos germanicos, modificadas pelo espirito da edade média, deram em resultado esses poemas cavalheirescos, que por tanto tempo enlevaram os nossos rudes antepassados. Os bardos celtas transmittiram directamente aos *trouvères* da França septentrional as tradições que, alterando-se mais ou menos, serviram de base aos romances do rei Arthur, esse canto de cysne da velha Bretanha expirante. O espirito christão produziu os romances de Santo-Graal, o espirito do feudalismo deu origem

ás chronicas de Carlos Magno, onde o caracter do grande imperador apparece tão diverso do que na realidade era, como se os bardos feudaes, para se vingarem do dominio que esse nobre vulto exercêra sobre os seus senhores, quizessem personalisar n'aquelle, que fôra o seu flagello, a imagem dos fracos monarchas, cuja suzerania os fidalgos solarengos acceitavam apenas como fórmula vã.

Em quanto essa litteratura viril até nas suas puerilidades dominava na França e na Inglaterra, esses dois paizes que, da mesma fórma que Portugal e Castella, se conservavam irmãos, apesar das suas terriveis dissensões, os poetas provençaes, cedendo á influencia dulcissima das brisas do Mediterraneo, das melodias languidas que fluctuam como um vago perfume entre a coroa de espuma da preguiçosa vaga azul que beija as praias ridentes da França meridional, recostavam-se, por doces noites de luar, á sombra das suas larangeiras, e arrancavam das suas harpas levemente effeminadas suaves canções de amor, ou, por entre sonoras risadas que se repercutiam de echo em echo n'essa atmosphera de cristal, verdadeiro berço da Venus Aphrodita, vibravam a satyra pungente ao monachismo e á nobreza.

Esta litteratura cortezã, risonha e galanteadora, perfumada como a flor da larangeira, colorida como um ceo de agosto, fresca como uma noite de primavera, exerceu completo dominio na sociedade elegante (consintam-nos o termo) da Hespanha. A Catalunha pela visinhança, Portugal pela corte borgonheza que o nosso reino infantil obteve da munificencia de Affonso VI, resentiram-se mais do que Leão e Castella d'essa influencia provençal. Os nossos reis, principes e cortezãos, dedilhavam a lyra dos trovadores, temperando-a com uma certa melancolia nativa, que sempre foi caracteristica da nossa litteratura, e que nos é inspirada pela austera tristeza do velho Oceano que banha as nossas praias. O povo, entretanto, continuava, como o povo castelhano, a modular as suas chacaras e solaus de uma tão soprendente originalidade, chacaras e solaus que Villemain julga privativos da Hespanha, mas que foram communs aos dois povos, como facilmente se vê, comparando o *Romanceiro* de Garrett com o de D. Agostin Duran.

Veiu a final a epocha de D. João I. A alliança intima que então contrahimos com a Inglaterra ensinou-nos os varonis primores da litteratura dos *trouvères*. D. Filippa de Lencastre, e antes d'ella mesmo seu pae, o duque de Lencastre, e a brilhante comitiva dos cavalleiros de Eduardo III, introduziram no animo dos nossos trovadores o gosto por esses romances de cavallaria tão estimados pelas nações septentrionaes. O caracter guerreador e phantasmagorico dos heroes de novella, fundindo-se com os galanteios e as amorosas finezas da litteratura meridional, deu origem a um novo personagem, que abriu um novo cyclo, o dos Amadizes.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

JUSTO

Deixemos aos eruditos o trabalho ou o prazer de nos dar a etymologia de *justo*, cuja radical julgâmos ser o substantivo latino *jus*, que corresponde á palavra *direito*. *Justo* corresponde tambem á palavra *recto*.

O justo é, com effeito, o homem que dirige todas as acções segundo as regras da justiça. Se deve, paga a cada um o que lhe é devido; se lhe devem, só recebe o que lhe devem. O justo não conhece a proscripção nem a usura. O justo não se prevalece da lei quando lhe attribue um direito que não lhe concede a consciencia. O justo é o homem que tem o animo recto. Quando tal homem tem piedade e rectidão, é justo por excellencia. Deus nol-o deu para juiz ou para jurado.

A reunião da rectidão de animo e da integridade do coração é rarissima. Encontra-se em Salomão ou em Sancho Pancha. Ninguem deixará de admirar a prudencia que dicta as sentenças d'estes sabios; mas baldadamente se procuram os exemplos no reinado del-rei Luiz XIII, que foi desde o nascimento cognominado *o Justo;* é verdade que elle nascêra sob a influencia do signo da Balança.

Os athenienses, proscrevendo Aristides, chamavam-lhe o *Justo*. É provavel que não fosse para lisongeal-o.

O general Desaix era denominado *sultão justo* pelos arabes, que não o proscreveram.

Justo, judiciariamente fallando, significa *juridico*, conforme ao direito, o qual direito nem sempre é conforme á justiça. Foi n'este sentido que o conde de Almaviva, juiz de Figaro, prometteu vingar-se em boa sentença, *justissima*, d'este libertino que perpetrára o delicto de ser amado por sua mulher. O conde de Almaviva não foi o ultimo juiz que lavrou taes sentenças.

Justo, applicado ás operações do espirito, é synonymo de *exacto:* raciocinio *justo*, calculo *justo*. Um espirito justo e um coração que não o é, podem levar-nos á felicidade, mas duvidâmos de que cheguemos lá com as qualidades inversas. O substantivo de *justo*, n'este sentido, é *exactidão*. O espirito que é dotado d'esta qualidade é justo como o relogio, como o quadrante, e como a balança.

Applicado aos objectos physicos, *justo* significa nem muito largo nem muito apertado: *justo como uma luva*. *Justo*, n'este sentido e no precedente, não tem privativo. Não se diz um calculo *injusto*, nem uma luva *injusta*. No primeiro caso, recorre-se ao *inexacto*, privativo do synonymo, ou á periphrase; no segundo, designa-se a ausencia da qualidade pela expressão que designa o excesso d'ella.

Chama-se *muito justo* ao fato que nos aperta, e ás botas que nos magoam.

Por que se não dirá alguma vez dos homens o que se diz das coisas? Não haverá occasiões em que se encontre tão pouca differença entre o homem e a coisa?

Certo individuo chamava *coisa* a qualquer homem, cujo nome não lhe conviesse proferir. Dizer, pois, *coisa*, ou dizer *homem*, eram para elle duas locuções synonymas.

Por que, por inducção d'este facto, se não chamará *muito justo* a um magistrado que não é bastante justo? Um estranho encontra sempre desculpa quando, fóra da patria, e usando um idioma que não é o d'elle, dá a certas palavras a significação que não tem, e que, por exemplo, a umas botas *justas* chama *rectas*. Dá assim, sem o pensar, a explicação d'este axioma: *Summum jus, summa injuria* (ser muito justo é ser injusto).

Justo, no sentido ascetico, é o contrario de peccador. Dizem que o justo pecca sete vezes por dia. Para ser justo é necessario peccar sete vezes, ou só peccar sete vezes? Isto é para ser decidido pelos casuistas.

Entre o *justo* e o *justiceiro* ha, porém, notavel differença.

D'ella diz o nosso padre Antonio Vieira que «o *justo* castiga por justiça, e o *justiceiro* por inclinação; o *justo* com mais vontade absolve que condemna, e o *justiceiro* com mais vontade condemna que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade: o *justo* propende para a parte de piedoso, o *justiceiro* para a de cruel.»

B. A.



Damião de Goes

I

Quem percorre a historia d'esse cyclo brilhante que abrange a dynastia de Aviz; quem, depois de fitar o grande sol de Aljubarrota, estende a vista ao longo d'esse periodo cavalleiroso e illustrado que declina e morre em Alcacer, não póde deixar de maravilhar-se ante o esplendor de tantos vultos que o engrandecem.

A fama que espalha pelo mundo os feitos de armas dos nossos capitães tambem leva o nome dos nossos sabios; a penna e a espada enfeixam-se sobre o mesmo cippo glorioso, e ficam em trophéo eterno. Rasgam-se mares, descobrem-se mundos, conquistam-se povos, decretam-se leis, subjugam-se rebeldes, castigam-se inimigos, encrava-se a nossa bandeira sobre os revelins da Africa, e depois na Asia, de que se faz um imperio, e depois nos proprios escampados da America; e em quanto o ferro das lanças vae abrindo sulco profundo, a historia esculpe nos seus bronzes a noticia d'esses extremos, para os legar ás gerações.

Na galeria dos homens que deram de si testimunho de elevado espirito, ganhando creditos para a patria, foi Damião de Goes um dos mais distinctos. Nascido no principio de um seculo em que as fermentações do pensamento se revelavam crescentes; familiarisado, pelas suas longas viagens, com os maiores pensadores da epocha; amigo de Erasmo e ao mesmo tempo do cardeal Sadoleto; admirador de Melanchton e familiar de Paulo III, as faculdades haviam-se-lhe desenvolvido, amadurecidas pela experiencia. Tinha visto o anverso e o reverso das coisas, conhecêra os homens, meditára sobre o desabamento d'esse mundo velho de idéas que mãos robustas iam demolindo, aprendêra na vasta eschola das agitações sociaes, e, desde o paço até á praça publica, o seu olhar havia mergulhado profundo. D'ahi lhe veiu a rectidão de caracter, rectidão que lhe transluz no estilo.

Quando o crepitar das fogueiras sinistras, accesas pela mão de D. João III, substituir o rumor de um povo inquieto pelas aspirações de renome e pelo heroico patriotismo, elle então, o velho chronista de D. Manuel, terá tambem de vir affirmar o seu credo em face dos inquisidores, e de expiar o peccado de haver sabido comprehender quão falsa era essa virtude, que tinha por auréola o clarão dos autos de fé, e por hymno o estertor dos condemnados.

Damião de Goes, como ao diante veremos, de modo algum provocára a sanha do Santo Officio. Apartado do movimento que impellia a Europa, seguia-o naturalmente com o coração, sem, todavia, lhe prestar o auxilio das suas luzes. A hypocrisia sordida, a torpe abjecção, a refalsada calumnia, levantaram contra elle motivo de censura; sobre as paginas da sua *Chronica del-rei D. Manuel* caiu o libello infame, e o sepulchro de um carcere abriu-se para o hospedar. Entre as sombras que envolvem e obscurecem esse tribunal horrivel, a estatura de Damião de Goes cresce e a fronte torna-se-lhe radiante. Vergado aos annos e aos desgostos, entrevendo o futuro que lhe aponta e recordando a familia que o chora, a nobreza de uma grande alma não deixa de se patentear, e a phrase amarga e pungente espira-lhe dos labios. De que lhe haviam feito capitulo para a accusação? que delictos lhe imputavam? que semente de corrupção haviam encontrado nos seus livros? que maus factos na sua vida?

Este processo instaurado pela Inquisição contra Damião de Goes foi já dado a lume e commentado por uma das mais bellas intelligencias do nosso paiz. Lopes de Mendonça, no seu estudo biographico que tem por titulo *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*, demonstrou a hediondez de similhante processo. Teremos no decurso d'este bosquejo de trasladar alguns dos pontos mais notaveis; servir-nos-hão elles para completar a physionomia de um homem que, assim pela sua vida como pelos seus escriptos, póde ser justamente considerado como um dos mais eminentes vultos que ennobreceram a patria no seculo XVI.

II

Damião de Goes, commendador da ordem de Christo, chronista-mór do reino e guarda-mór da Torre do Tombo, nasceu em Alemquer no anno de 1501, e foi

baptisado na egreja de Santa Maria da Varzea. Era filho de Ruy Dias, do serviço do infante D. Fernando, pae de D. Manuel, e de Isabel Gomes de Limi, oriunda de uma nobre casa flamenga. De nove annos foi elle mettido no paço, e já aos dezesete se acha com exercicio de moço da camara no livro da matricula dos moradores da casa real (Sousa. Prov. do liv. IV da *Hist. Genealog.*) Acolhia-o a corte com favor, e parece mesmo que o rei lhe concedia distincções não pequenas; elle se compraz de alludir a esta boa sombra em que vivia no paço.

Quando D. Manuel deixou cair de suas mãos afortunadas o sceptro, e trocou a purpura pelo lençol mortuario, Damião de Goes, attrahido pela reputação de que gozavam muitos sabios, e desejando adquirir novos conhecimentos no trato de tão abalisados mestres, pretendeu sair do reino e discorrer pela Europa. Accedeu D. João III, e, nomeando-o para tratar negocios de estado em Flandres, o deixou partir na armada de que era capitão Pedro Affonso de Aguiar (1523). Foi n'esta viagem que elle assistiu ao recontro entre as naus francezas e inglezas no canal de Inglaterra.

Estabelecido em Flandres, a sua correspondencia com a corte era cada vez mais intima. Os negocios do estado entremeiavam-se com as commissões litterarias; o serviço de D. João III não lhe impedia que satisfizesse as curiosidades do infante D. Fernando. Por ordem d'este ultimo conta elle que foi encarregado de obter todas as chronicas que se podessem achar escriptas de mão ou imprimidas, em qualquer lingua que fosse, as quaes alcançou e enviou para o reino; recebendo do infante uma arvore genealogica, desde Noé até D. Manuel, que mandou fazer de illuminura pelo maior homem d'aquella arte que então residia em Bruges.

Taes corriam os primeiros tempos da vida de Damião de Goes; as bellas artes adoçavam-lhe o que cuidados mais serios poderiam trazer-lhe, e os innocentes prazeres do espirito acompanhavam-n'o constantes. No anno de 1529 foi mandado por el-rei a Hostelandia, e d'ahi á corte do rei da Polonia Segismundo I, que então reinava em Vilna, passando em seguida a Dantzik. O fim d'esta primeira viagem não é de fórma alguma conhecido. Damião de Goes, referindo-a, não se detem em commentarios; e as suspeitas de que os cofres reaes carecessem por aquelle tempo de auxilio estrangeiro não parecem ainda inteiramente bem fundadas. Segunda vez voltou á Polonia (1531), conferenciando em Cracovia com Christovão Scholovino, vice-rei, e João Tarnovio, capitão da cidade, sobre o casamento de Hedwige, filha de Segismundo, com o infante D. Luiz. Este casamento, a respeito do qual elle escreveu de Anvers ao rei, não chegou, comtudo, a effectuar-se.

Temos nós Damião de Goes, na primavera da vida, entregue aos mais subidos encargos. Negocios de serviço real lhe descançam nos hombros, dependentes da sua illustração e do seu tacto. Foi em Anvers, e não em Cracovia, como irreflectidamente assevera Lopes de Mendonça, que elle poz em latim o livro da embaixada do imperador de Ethiopia, rei de Abexi, a el-rei D. Manuel, livro que depois publicou em Lovaina (1532). D'aqui partiu para a corte do rei de Dinamarca, e indo d'este para a Polonia, passou pela universidade de Witemberg.

Martinho Luthero e Filippe Melanchton cimentavam a liberdade da consciencia, emancipavam a razão humana. Os trinta annos de Damião de Goes casavam-se de certo com aquelle impulso que dois homens ardentes davam ao mundo inteiro. Privou com elles, conheceu-os na intimidade, mediu-lhes o vasto alcance das idéas, e não se sentiu periclitar. Por esse tempo ainda o primeiro cadafalso se não havia erguido na praça da Ribeira, mas já o elemento theocratico havia estendido essa vasta rede, em cujas malhas a nação toda se deveria mais tarde illaquear.

Em 1533 foi chamado ao reino, e querendo el-rei fazer-lhe mercê do officio de thesoureiro da casa da India, elle o recusou, pedindo para continuar seus estudos fóra de Portugal. Partiu para Flandres, demorou-se em Friburgo, a casa de Erasmo foi-lhe por cinco mezes hospedagem. Que admiraveis palestras não teria o nosso chronista com o auctor do *Elogio da loucura!* Como o reformador das bellas letras, da critica e do bom gosto encheria de luz aquelle espirito, já tão rico e tão amplo! Os conselhos de Erasmo resolveram Goes, ao que parece, a escolher a universidade de Padua para complemento de estudos. Ahi residiu seis annos, frequentando os mais respeitaveis centros, assim pelo saber como pelas virtudes. Os conhecimentos haviam-se-lhe dilatado, o engenho natural fortalecêra-se-lhe, a intelligencia, como aguia implumada, erguia-se-lhe em remontados vôos.

De Padua voltou para Flandres, onde se casou, precedendo licença del-rei, com Joanna de Hargen, descendente dos condes de Aremberg, Herne e Montfort, filha de André de Hargen, senhor de Astorch, do conselho de Hollanda e natural de Utrech. Os principaes sabios do paiz eram os seus particulares amigos. Alard solemnisára-lhe o consorcio escrevendo um epitalamio, Nannius celebrára-lhe o nascimento do primeiro filho, e Grapheus iniciara-o nos segredos da metrificação latina. Damião de Goes, no tranquillo remanso da familia, já conhecido no mundo, e entregue ao lavor das suas obras, gozava em fim da paz, que é a felicidade.

(Continúa) E. A. VIDAL.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Vid. pag. 259)

VI

Tinham passado vinte e oito annos dês que se finára o astronomo polaco, quando João Kepler viu a luz do dia no Wurtemberg, em dezembro de 1571. Descendente de fidalgos antigos, que em virtude de desconcertos de familia, e das guerras religiosas que então assolaram os plainos germanicos, tinham caído na miseria, deveu João á sua pouca robustez o evitar serviços caseiros em uma taverna que sua mãe dirigia. Não gozava ella de boa reputação, antes parece que muitos foram os seus desvarios de mocidade. João foi recebido no seminario protestante de Manbrown quando contava treze annos; estudou depois a theologia no de Tubingue, e, levado das suas tendencias geometricas, compoz então um poema sobre a ubiquidade de Jesus Christo, em verso latino, de que os puristas admiram a vernaculidade e elegancia nervosa.

Já em verdes annos o futuro luminar da sciencia mostrára decidida vocação para a astronomia, e de tal sorte se tinha avantajado aos seus condiscipulos, que o archiduque Carlos de Austria, apesar de bom catholico e fervoroso proselyto da egreja romana, não se arreceiou de nomeal-o professor de mathematica e moral no collegio de Graetz, na Styria, coisa muito de admirar, porque Kepler era protestante indomito, e não calava as suas crenças religiosas, antes consta que tinha a pecha do proselytismo. A tudo, porém, fechou os olhos o archiduque, que era homem de são conselho e razão esclarecida.

Ao passo que se entregava ao ensino com todas as véras de uma alma enthusiasta e cheia de grandes alentos, fazia almanaks, com os seus competentes *juizos do anno*, e predicções, assim meteorologicas como astrologicas. Escusado é dizer que muitas vezes errava, mas os seus horóscopos tinham muita fama e nomeada, com quanto, por cautela, nunca se es-

quecesse de accrescentar, *post stipendium: «Quidquid dicam, aut erit, aut non.»*

Ao par d'estes trabalhos pedagogicos e propheticos, emprehendia outros de maior folego, sobrelevando a todos a vulgarisação do *kalendario gregoriano*, que era rejeitado afincadamente pelos protestantes, os quaes, na phrase de um d'elles, antes queriam andar mal com o sol do que bem com o papa.

Kepler, com ser protestante ferrenho, era em primeiro logar astronomo, e em questões de sciencia pouco lhe importava d'onde viesse o bem, comtanto que de algures viesse.

Este primeiro periodo da vida do grande astronomo é placido e socegado como um idyllio no meio de um melodrama, ou como uma ilha, toda flores e grinaldas, toda recato e festas intimas, recamada de uma melancolia dulcissima, rodeada de um mar revolto e sombrio, cujas ondas levavam homens e instituições, e afundavam tudo no pelago.

E de feito, que de luctas lá por fóra! Que desenfrear de paixões, que corriam ás soltas, eumenides descarnadas, a chamar á guerra em nome da religião! Que lagos de sangue, de cuja podridão se alevantavam aos cardumes esses miasmas de vinganças sociaes, das retaliações domesticas, dos pleitos sempre renascentes, sempre vividos, apesar das fogueiras inquisitoriaes, apesar dos incendios de aldeias e cidades, apesar das represalias furiosas, que faziam de um aldeão, ainda hontem timido e pacifico, um lansquenete selvagem e sanguinario!

N'este periodo, para elle afortunado, Kepler só tem que chorar a morte de um filhinho do seu mestre Mœstlin, a qual pouco tempo antes havia prophetisado em um horoscopo. Em uma carta que então escreveu ao seu antigo professor, consolando-o, mostra acreditar na influencia dos astros. Esse erro, porém, foi passageiro, e, corrido não muito tempo, affirma Kepler que a astrologia é um erro deploravel, que só serve de ganha-pão aos astronomos que carecem de manter-se á custa das crendices do vulgo.

Ia entanto amontoando materiaes com que edificar mais vasta fabrica, e, annos depois, publicou o seu *Mysterium cosmographicum*, obra *humoristica*, se é permittida a denominação em assumpto de tal magnitude.

Pythagorico no fundo d'alma, convicto da harmonia celeste, diz na invocação:

«Bemaventurado o que estuda os céos! Aprende a desprezar o que o mundo mais admira. Para elle, acima de tudo estão as obras de Deus, e no estudo d'ellas encontrará purissimas alegrias! Pae do mundo, a creatura que te dignaste de elevar ao par da Tua gloria, é como o rei de um vasto imperio; é quasi egual a um Deus, porque sabe comprehender o Teu pensamento.»

Que fogo de enthusiasmo! Que sublime poesia essa que inspirou a Kepler, a um dos maiores geometras do seu tempo, canticos cheios de uncção e grandeza biblica. Mas a theoria que Kepler apregoava era absurda e demasiado adstricta ás ideas harmonicas, sem lhes querer determinar o fundamento; o seu livro é antes um devaneio poetico, um harpejo no celebre heptacordio, uma melodia como as sabe compor Lamartine, poeta essencialmente pythagorico, do que uma deducção rigorosa e scientifica.

«Vou provar, diz Kepler no seu prefacio, que Deus, creando o universo, e regulando a disposição dos ceos, teve em vista os cinco corpos regulares da geometria, celebres desde Pythagoras e Platão, e fixou, segundo as suas dimensões, o numero dos ceos, as suas proporções e dimensões dos seus movimentos.»

Basta o lemma para nos dizer a natureza do livro, que é, de feito, uma especulação poetica e scientifica, um divagar reflexivo e contemplativo nos dominios dos numeros symbolicos da eschola de Samos.

Além do estilo, sempre elevado e épico, apesar de alguns trechos menos subidos, nenhuma outra qualidade salva o livro do esquecimento, que não seja a argumentação contra o systema de Ptolomeu, e a descripção amena dos trabalhos de Copernico [1].

Se o mundo pouco auferiu do *Mysterium cosmographicum*, muito tirou d'elle o proprio Kepler, porque logrou sair da obscuridade, e, ao mesmo tempo, exercitou-se na arte de calcular e inventou processos novos.

Tudo lhe sorria, e preparava-se a colher novos e mais sazonados fructos, quando a morte do archiduque e a elevação de outro, menos tolerante, o lançou no exilio e nos braços da miseria, porque os poucos bens que trouxera sua mulher lá os vendeu ao desbarate, por se furtar a maiores penas e flagicios dos fanaticos, que não sabiam respeitar a sciencia, deusa que requer um culto especial, e mal permitte que os seus sacerdotes se intromettam em alheias discussões.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

NAVEGAÇÃO DE VAPOR

(Vid. pag. 268)

II

Vapor de agua — Augmento da pressão com a temperatura — Principio fundamental das machinas de vapor — Systema de Papin — Machinas atmosphericas — Principio de Watt — Condensação do vapor nas machinas — Movimento rectilineo produzido pela acção do vapor no pistão do cylindro — Transformação d'este movimento em movimento de rotação — Machinas de baixa e alta pressão — Machinas com condensação e sem condensação — Machinas com expansão — Cavallo-vapor — Força das machinas.

É principalmente o vapor da agua que serve de motor nas innumeras machinas que por toda a parte alimentam as diversas industrias e estabelecem os mais efficazes meios de communicação. A agua é liquida na temperatura ordinaria; mas, aquecida, passa ao estado de gaz ou vapor. Os corpos n'este estado tendem sempre a dilatar-se e occupar maior volume, de modo que exercem pressão sobre as paredes dos vasos ou dos obstaculos que se oppozerem á sua dilatação. É isto que tambem se denomina tensão ou força elastica dos vapores.

A pressão, ou tensão dos gazes ou vapores, é tanto maior quanto maior for a temperatura, de modo que, se o vapor se contiver em um vaso fechado, e a sua pressão augmentar successivamente pelo aquecimento, chegará uma occasião em que as paredes do vaso, não podendo já resistir-lhe, romper-se-hão e o vaso rebentará. Mas se, em logar do vaso ser fechado completamente, houver uma abertura tapada com uma rolha, por exemplo, chegará um momento em que a força do vapor fará saltar a rolha, ouvindo-se um estrondo devido á percussão do ar.

Se fizermos passar o vapor da caldeira, onde se gerou, por um tubo que o conduza a um cylindro com um pistão movel ao longo do seu comprimento, o vapor, actuando sobre este pistão por um lado, fal-o-ha mover; teremos, pois, assim um movimento que, convenientemente dirigido, podêmos, por meio dos mecanismos necessarios, applicar a qualquer fim. Na applicação das machinas de vapor á navegação, o movimento do pistão do cylindro é communicado por meio de diversas peças ao propulsor que deve fazer andar o barco. Actualmente o propulsor usado é o helice ou as rodas de pás.

No primitivo systema de Papin, o vapor, vindo da caldeira, entrava n'um cylindro vertical por baixo do pistão e fazia subir este até acima; chegado o pistão á parte superior, uma corrente de agua fria era lan-

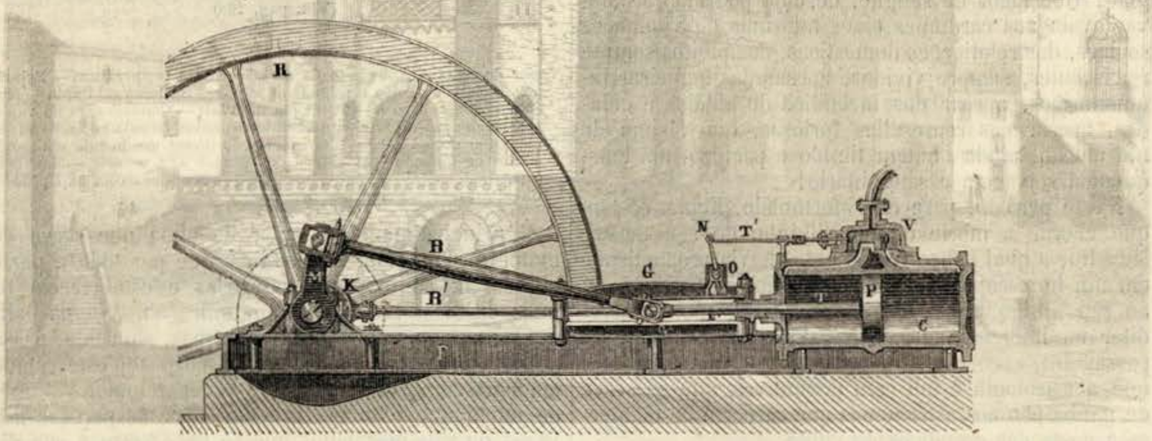
1 A proposito da congregação do Index, aconselha-lhe que estude e que aprenda, antes de ajuizar do que lhe não pertence. Fallando da obra de Copernico, diz que o Index devia escrever, em vez de *donec corrigatur*, *donec explicetur*, dando a entender que a explicação cabia a elle, Kepler, o dal-a. Verbera ainda o Index, e diz-lhe a final: «O gladio que se embotou contra o ferro, nem mesmo serve para cortar um pedaço de palha.»

çada sobre o cylindro; este frio condensava o vapor de agua, que assim se reduzia a liquido, ficando por baixo do pistão um vacuo mais ou menos perfeito; então a pressão do ar atmospherico, actuando sobre a parte superior do pistão, fazia-o descer; chegado o pistão abaixo, o vapor da caldeira vinha de novo ao cylindro para a parte inferior do pistão, e repetia-se o mesmo phenomeno descripto.

Nas primeiras machinas de vapor, que se denominavam atmosphericas, era aquelle o principio seguido. O movimento rectilineo alternado que tomava o pistão transformava-se em outro movimento que necessario fosse por meio dos mecanismos convenientes. Watt aperfeiçoou consideravelmente as machinas, fazendo actuar n'ellas alternadamente o vapor pelos dois lados do pistão. Para isso, no momento em que o pistão chega acima impellido pelo vapor, um mecanismo especial, chamado *valvula de gaveta*, interrompe a communicação da parte inferior do cylindro com a caldeira, e abre a communicação para um vaso com agua fria, chamado *condensador*, onde o vapor se precipita e se condensa, reduzindo-se a liquido, ficando o vacuo por baixo do pistão, ao mesmo tempo que se estabelece a communicação entre a caldeira e a parte superior do cylindro, e o vapor, actuando por cima do pistão, fal-o descer; chegado o pistão abaixo, a valvula de gaveta faz communicar a parte de cima do cylindro com o condensador e a parte de baixo com a caldeira; forma-se, pois, o vacuo por cima do pistão, e o vapor da caldeira, entrando por baixo, fal-o subir, e assim successivamente o vapor, actuando ora por um lado, ora por outro, do pistão, dá a este movimento rectilineo alternado. O mecanismo da valvula de gaveta, que regula a entrada do vapor, ora por um lado, ora por outro lado do pistão, recebe movimento da propria machina.

O cylindro póde ser vertical, horisontal ou inclinado. Em qualquer dos casos, o vapor, entrando ora por um lado, ora por outro do pistão, imprime a este movimento rectilineo alternado.

Em todas as machinas, geralmente, convem produzir movimento de rotação, ainda que seja apenas para regularisar a sua marcha. Para transformar, em movimento de rotação, o movimento rectilineo alternado



Machina de vapor de alta pressão, sem condensação, acção directa com cylindro fixo e horisontal

produzido pelo vapor no pistão do cylindro, ha diversos systemas; um dos mais simples está representado na figura. *P* é o pistão, que tem uma haste (*T*) na parte anterior; esta haste articula-se com uma *bielle* (*B*), e esta articula com uma manivella (*M*) fixa no eixo da roda (*R*) a que communica o movimento de rotação.

A machina representada na figura é uma machina fixa de alta pressão sem condensação; a haste do pistão é guiada nas corrediças (*G G*). O vapor vindo da caldeira entra n'uma caixa (*V*), onde se move a gaveta (*Q*) que regula a sua entrada alternada pelos dois lados do pistão; a gaveta recebe movimento de vaivem por meio do excentrico (*K*), tirante (*B'*) e alavanca (*O N T'*).

O cylindro, em logar de ser fixo, póde ser oscillante em torno de um eixo. N'este caso não ha bielle; a extremidade da haste do pistão articula immediatamente com a manivella. As machinas de cylindro oscillante são, pois, mais simples.

A pressão dos vapores é avaliada em atmospheras; cada atmosphera corresponde á pressão exercida pelo peso de um kilogramma proximamente por cada centimetro quadrado de superficie.

Quando a força do vapor não excede uma atmosphera e meia, as machinas dizem-se de *baixa pressão;* se a pressão do vapor excede atmosphera e meia, as machinas dizem-se de *alta pressão*.

O vapor, depois de actuar nas machinas, póde ir para a atmosphera em logar de ir para o condensador; n'este caso não ha condensação; as machinas são mais simples; mas o vapor que move o pistão é contrariado pela pressão do ar atmospherico que actua sobre o lado opposto do pistão; em quanto, havendo condensação, o vapor que produz o movimento só é contrariado pela pressão de algum vapor que do lado opposto ficou por condensar, por não ser nunca perfeita a condensação, e portanto o vacuo. Esta pressão do vapor do condensador não excede geralmente 150 grammas por centimetro quadrado; em quanto, não havendo condensação, a pressão que se oppõe ao movimento do pistão equivale a um kilogramma por centimetro quadrado. Por isso, as machinas que não tem condensação devem ser de alta pressão.

Quando ha condensação, além do condensador ha uma bomba que tira a agua que condensou o vapor, e que por isso a aquece; chama-se *bomba de ar*. Ha outra bomba, chamada de *agua fria*, que mette agua nova no condensador. Estas bombas recebem movimento da propria machina. Uma outra bomba, denominada *alimentar*, serve para metter agua na caldeira, e tambem é movida pela machina.

Em algumas machinas o cylindro não communica constantemente com a caldeira durante todo o curso ou passeio do pistão; quando este tem chegado a um certo ponto, interrompe-se a communicação entre a caldeira e cylindro, e o vapor que está no cylindro dilata-se, e por esta expansão continúa a fazer mover o pistão. Taes machinas chamam-se *machinas de expansão*.

A força das machinas de vapor é avaliada em cavallos; a unidade *cavallo-vapor* equivale ao trabalho desenvolvido para elevar 75 kilogrammas á altura de um metro em um segundo.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.